



HABITANTES DE LIMA, PERÚ.

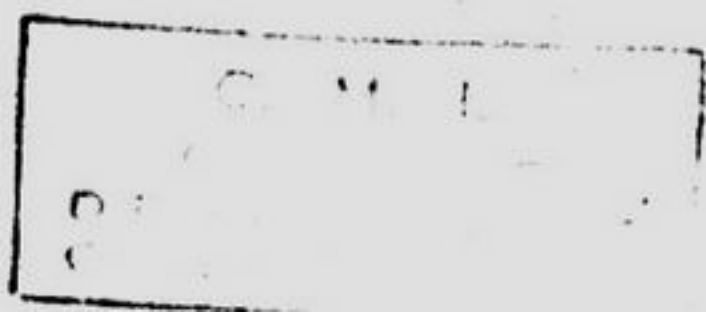
A PAGINAS 361 do 9.^o volume d'este semanario démos, com a vista da praça-maior da cidade de Lima, uma resumida noticia da republica peruviana, de que esta interessante povoação é a capital.

Ali dissemos, quanto cabia nos estreitos limites de uma publicação d'esta ordem e indole, para se fazer uma idéa sufficientemente exacta da situação politica actual do antigo imperio dos Incas. Na presente gravura acham-se grupados alguns especimens das differentes raças de que se compõe a população — brancos, indigenas, ou, como vulgar e geralmente lhes chamam, *indios*, e negros.

Uma das causas mais proximas das revoluções que têm quasi sem cessar agitado e affligido o Perú, como a quasi todas as novas nacionalidades americanas, é esta heterogeneidade dos elementos constitutivos da população peruviana, tornando-se assim quasi impossivel a unidade, que se deriva da simi-

lhança de habitos, da communição de tradições, do idioma, etc. E ella é quasi impossivel. — O branco, o fero descendente do valoroso Pizarro, não tem para os naturaes do paiz, em geral, senão o desprezo mais profundo; o indigena, ou indio, o representante da raça infeliz, vencida pelos altivos soldados de Castella, odeia sinceramente o branco, de quem seus avós lhes contaram cruentas façanhas; o negro, esse não pôde amar uns nem outros — nem as tradições, nem o affecto o ligam pois aquella terra que não viu nascer seus paes — paria da sociedade americana, o negro tem a consciencia de que só vive para a escravidão, e por isso a raça africana vegeta ali, como em toda a parte, na condição mais abjecta e mais miseravel que imaginar-se pôde.

Outras causas, e muito importantes, obstan á definitiva constituição d'este paiz, fazendo com que n'elle seja quasi inexequivel manter por largo tempo



a publica tranquillidade, e a harmonia entre os diferentes poderes do estado, e as classes populares; aquella comtudo é incontestavelmente a mais poderosa. Não é do nosso instituto entrar na sua apreciação; apontámo-las, comtudo, deixando ás publicações scientificas especiaes, o cuidado de as estudar nas suas variadas relações.

INSTRUÇÃO POPULAR.

IV.

Este quadro depõe mui pouco lisongeiramente a favor da illustração dos inglezes em assumptos de lingua. Mas ao menos louve-se esta nação, original em tudo, porque mantém a unidade orthographica no meio das suas proprias incoherencias. Ao menos conseguiu regular o absurdo, e tornar systematica e uniforme a falta de logica. Todos os livros, todos os jornaes, todas as publicações, são afferidas na orthographia por um padrão commum, e os philologos inglezes têm minorado os inconvenientes de uma orthographia stulta compondo dictionarios, onde a par da orthographia correcta se explica minuciosamente a pronuncia de cada termo, e *spelling-books*, onde as regras da boa pronunciação e da leitura correcta se acham dadas com a exactidão possivel no meio de um cahos de sons e de signaes phonicos.

Depois da orthographia ingleza segue-se, já mais perfeita, posto que ainda muito extravagante, mas sempre invariavel, a orthographia franceza. Aqui já se notam menos caracteres inuteis. São apenas as letras finaes que se supprimem (nem sempre) na pronunciação; são os dithongos, que exprimem sons diferentes dos que as letras correspondentes deveriam representar. É uma perfeição notavel se observa na orthographia franceza, é o cuidado de marcar exemplarmente pelos *accents* os sons diversos que correspondem a uma identica vogal.

Depois da lingua franceza são sem duvida as mais correctas e mais cultas em orthographia as linguas do norte, aquellas que sendo, por assim dizer, ante-historicas, e não derivadas de idiomas estranhos, escaparam á influencia simultanea de muitas linguagens heterogeneas. Do allemão, do sueco, sei eu que se não são perfeitamente escriptas, tem ao menos na sua orthographia mais visos de senso commum do que o idioma britannico, filho ingrato de mãe thetonica, a quem tem ido successivamente renegando e descrendo, para ir mendigar e render preitos a litteraturas e a idiomas antipathicos á sua origem. O sueco, que é uma lingua, em grande parte, moldada pelo allemão, mas muito mais corrompida, demudada e afastada da origem germanica do que o allemão vulgar, o sueco apresenta na sua orthographia muito menos regularidade, do que a lingua tedesca. No allemão, porém, quasi que as palavras se escrevem como devem pronunciar-se; não ha letras que se omittam na pronuncia, depois de as haver, com um escrúpulo pedantesco, traçado na escripta. Os inglezes, depois de escreverem uma palavra, engolem-na soffregamente ao proferil-a. Os allemães escrevem-na e deletream fleugmaticamente todos os caracteres. Verdade é que a orthographia não póde ser correctta, e a razão é que a lingua germanica tem sons para que não existem signaes no alphabeto commum. Milita aqui, como em todas as linguas modernas, a razão capital da flagrante desharmonia entre o som e o signal phonico. É que nós os campeões da idade moderna, com brios, com arrojos, com intelligencia,

e com genio para quebrarmos os moldes da sociedade antiga, para repellirmos o jugo das gerações que já foram, e para tentar veredas novas e desconhecidas a nossos avoengos, mantemos-lhe escrupulosamente guardado o thesouro do alphabeto. Herdámos dos romanos um alphabeto insufficiente, e não ousamos accrescentar-lhe os caracteres de que carecemos, nem proscreever os que de nada nos servem hoje. Escreveram romanos com vinte e cinco letras sons diversissimos dos nossos. Pois escrevamos nós tambem com esses vinte e cinco caracteres as palavras dos nossos idiomas. Eis a razão porque não é o allemão ainda hoje uma lingua de orthographia racional. É comtudo é antes da italiana, e porventura da hespanhola, aquella em que menos dispartes se encontram entre a pronunciação e a escripta.

A hespanhola já foi como a nossa abundantissima no escrever. Tambem por lá vogou a mania anti-civilisadora dos etymologistas e philologos. Tambem lá quizeram manter intemerata a honra do *h* romano, e as regalias imperiaes ao *ph* e ás letras duplas; muito tempo andou o povo, a quem o escrever bem mais aproveita, divorciado em orthographia com os sabios e letrados, e a final veiu a emendar-se o erro de escrever letras superfluas para marcar que no latim havia um som no lugar occupado pela letra muda. Não foi completa e racional a revolução effectuada na orthographia castelhana; mas ao menos a sua simplicidade compensa de sobra o defeito de não estar ainda a orthographia assente nas suas bases verdadeiras e racionaes. Se ainda lá competem a disputar som identico o *g* e o *j*, se ainda o som do nosso *lh* se escreve absurdamente com *ll*, ao menos consummou-se a expulsão das letras duplas, que é para os etymologistas e sabichões o que foi a extincção dos jesuitas para os santanarios, a pedra de escandalo e o thema obrigado de trivialissimas declamações.

O italiano é a meu vér a mais perfeita de todas as linguas modernas, orthographicamente consideradas. Proscripção quasi geral do *h*, letra predilecta dos philologos por ser a que nada exprime; proscripção geral do *y* grego, d'esta letra aristocratica, privilegiada, elegante, quasi *coquette* para os etymologistas rigorosos, letra que imprime ao vocabulo um sabor attico, e que põe em relevo a origem hellenica do vocabulo mais descórado e mais píffio; letra dobrada só quando a pronuncia o exige, eis as condições geraes da orthographia moderna italiana. É perfeita? Não é, não o póde ser, em quanto se não adoptarem os signaes proprios para representar os sons que tem as vozes da familia neo-latina, e que os romanos não proferiram nunca no seu idioma.

Venhamos agora analysar detidamente as imperfeições, os defeitos, os erros capitaes da nossa orthographia.

Dous erros capitaes noto eu no nosso modo de escrever. Primeiro — não termos systema fixo; segundo — não corresponderem geralmente as vozes que proferimos ás letras que na escripta vulgarmente se empregam.

Erro é, e grande, o escrever diverso do que ha de lêr-se, e se pronuncia; mas erro é tambem grandissimo, pois que escrevemos mal, não escrever sempre do mesmo modo.

Escrever *o* quando a voz sóa *u*, *e*, quando a voz diz *a*, *s*, quando debería ser *z*, ninguem o desculparia em gente sensata e civilisada. Mas escrever agora *o*, e logo *u* na mesma syllaba do mesmo vocabulo; escrever hoje assim, amanhã de vario modo; escrever um sabio com taes letras, e outro com diversas, vozes que ambos igualmente proferem, é o que excede toda a anarchia de uma lingua, é o que lhe

imprime os signaes indeleveis de uma barbaria mal disfarçada pelos primores da mais promposa e eloquente dicção.

Escreva-se embora um som com a letra que deve e se diz representar som diverso, mas haja coherencia, haja unidade, haja symetria, haja systema no modo de escrever. Se quereis que tal palavra se escreva com letra dupla, para certificar a todos que ali existe uma reminiscencia romana, não poupeiis uma letra n'uns casos quando a estaes espediçando em casos identicos.

Mas é o que não vemos praticar-se ainda entre os doutos. Abri tres livros de escriptores distinctos, e indague se é a mesma lingua que ídes lêr. Um escreverá *intrar*, por exemplo, outro escreverá *entrar*. Um escreverá *rico*, *dito*, outro *ricco*, *ditto*, dobrando letras, que nem tem sequer a pueril desculpa do latim.

Isto é pelo que toca ás classes elevadas da litteratura; isto é o que se nota entre eruditos e litteratos; isto é o que acontece entre pessoas que podiam ao menos assentar por uma vez se a etymologia latina auctorisa apenas um modo de escrever, ou se é razão demasiado larga para justificar as mais disparadas orthographias. Ajuize-se por aqui do que irá pela baixa plebe litteraria, pela gente indouta, e pela que do latim só sabe que é a lingua do Breviario.

Jornaes e livros, são quem póde dictar soberanamente a lei em assumptos de letras. E todavia a anarchia da lingua é ameçadora em livros e em periodicos. A orthographia nenhuma. O jornal do ministerio escreve de um modo. O jornal democratista segue uma orthographia sua. O jornal legitimista até n'isso parece respeitar as tradições da monarchia velha. O escriptor do artigo de fundo escreve d'esta sorte, o folhetinista d'est'outra. E com razão se póde afirmar, depois de tudo isto, que a lingua não existe formada, e que a nação portugueza escreve em mil dialectos desconchavados e absurdos, que poriam a tormento um estrangeiro, que se tentasse a aprender o idioma de Camões!

J. M. LATINO COELHO.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VI.

A rosa tem espinhos.

Houve outra pausa, em que ambos, com a vista no chão, se conservaram immoveis. D. Maria cortou-a ainda, dizendo:

— «Devo-te queixar, cavalleiro de Salzedas. Uma dama tratada como um inimigo forte e perigoso!»

O mancebo tornou a córar da expressão doce com que eram ditas estas palavras.

— «Inimigo?» murmurou elle.

— «Então costuma-se aqui hospedar os amigos n'uma torre?» perguntou ella sorrindo.

— «São os paços onde moro. Se estaes nos aposentos da torre, é porque os não tenho melhores.»

— «Dizei; sou livre ou captiva? — Não respondeis? E se fôrdes accusado como desleal diante dos olhos mais bellos de toda a Hespanha?»

— «Estou condemnado já, senhora!» replicou o

mancebo, sorrindo tambem. — «Bem sei que os vossos me não perdoam.»

— «Lisonjas em ferros?»

— «Verdades sem fingimento.»

— «E meu irmão!» acudiu ella mudando de tom, e com um gesto de receio.

— «A culpa foi d'elle. Para uma lança não ha senão uma espada. Talvez D. Martim cuidasse que não havia em Salzedas casas bastantes para receber as damas de Lanhoso?»

— «E como querieis que entrasse, cavalleiro?»

— «Como eu disse: como mulher de Gomes Lourenço, como dama dos seus pensamentos, como senhora aonde elle mandar!»

— «E cada passo para o altar a ser o nosso accusador! E o mundo a clamar...»

— «O mundo!... Não conheço senão o temor de Deus.»

— «Assim fallam os trovadores. Agora mais pareceis Gonçalo Hermigues, o namorado monge, do que o cavalleiro que sois.»

— «Porque padecemos do mesmo mal, nos parecemos tanto, senhora... Mas a elle curou-o a cova: e a mim... Deus sabe quem!»

E olhou-a com susto e com esperanza. Ella sorriu. Se o mancebo soubesse adivinhar?

— «E eu, sem ser Deus, Gomes Lourenço, não poderei fazer algum milagre? O que darjeis vós a quem vos promettesse o amor da vossa dama?»

— «Tudo! Mas não tenho que dar depois da vida, e essa... não é minha. E depois, para que? o coração de que fallaes é frio como a pedra. De que serve perguntar-lhe?»

— «Julgou tanto tempo o vosso inimigo...»

— «Inimigo eu? E fui, mas de mim, e da honra do meu nome. Quando disserem: — D. Gomes Lourenço, olhem, seu pae mataram-lh'o á traição, sua mãe morreu de dor, e o fraco, não tem uma lança para estalar no peito dos de Lanhoso?... O que póde responder o vosso inimigo, senhora? Mezes, annos sem erguer o braço! Porque soffri isto como um escravo, como um villão?! Foi porque o sangue dos que eram meus inimigos me doía mais do que o meu!... foi para poupar lagrimas a olhos... que as chorariam de alegria, se me vissem na sepultura! E verdade, Martim Paes, tinha razão. A boa folha do espadeiro está nas mãos d'uma mulher. Não ha hoje em Portugal appellido mais infame do que o meu, o de Salzedas! Acabou o sangue dos Viegas com o ultimo que se chama do seu nome!... Choraes por elle, cavalleiros; era um nome velho como as Hespanhas: morreu; sepultou-se com o pae de Gomes Lourenço, o covarde, como elle merece chamar-se!»

D. Maria percebeu que era imprudente escaldar aquella chaga. Mudando logo para outro assumpto, com os olhos baixos, e a voz commovida, exclamou:

— «Pague-se a divida! Está aqui uma filha de Lanhoso; mulher, como é, talvez baste...»

— «D. Maria Paes, os de Salzedas vingam-se com os homens, ou não se vingam. Cala-te, orgulho antigo!... A tua boca não póde dizer nada, Gomes Lourenço. Vil, o que fizestes do nome dos Viegas?...» murmurava o mancebo soluçando. «Por compaixão, não me deitem isto em rosto... Cavalleiro, faltei ao meu juramento, filho, reneguei o sangue de meu pae; irmão, vendi a herança de meu irmão; rico homem, arrastei o pendão e manchei as armas de meus avós, para até os servos se rirem d'ellas! Gomes Lourenço, não era melhor amortallar-te n'uma mosteiro? Ao menos as faces não te córavam diante dos escravos!»

Soltando estas palavras, cortadas na garganta pela enxada, fechava o punho e media o aposento a passos largos. O semblante carregou-se de amargura, e os olhos accenderam-se de terrível chamma. Parando de repente diante d'ella, em tom prezo e rouco, exclamou:

— «Tudo morreu, senhora! Diante de Deus, diante do meu sangue, na presença dos homens sou traítor, que me vendi pelo amor, ou pelos despresos de uma mulher!»

E tapou o rosto com as mãos, chorando como uma criança.

Só então é que D. Maria conheceu o abysmo d'aquella alma, a dôr insoffrida d'aquella paixão. Quantos sacrificios se pôdem fazer, o desgraçado cavalleiro tinha-os consummado por sua causa. Familia, odios, gloria, vingança, quanto a sua epocha estimava, quanto por assim dizer temperava o espirito do guerreiro da meia-idade, tudo lhe tinha posto aos pés. Um instante teve dô de tamanho delirio, e lhe passou pela mente uma idéa generosa. Foi um momento. Veiu logo atraz a soberba apagal-a, gravando em sangue o pensamento imutavel, que lhe dava a força, e a astucia necessaria para continuar a scena de dissimulação que estava representando.

— «E a esperanza de agradecerem tantos sacrificios nunca vos adoeceu a magua?» perguntou ella, illuminando-o com a luz dos olhos.

— «Nunca! O escravo chorou, e ninguém lhe limpou as lagrimas. Talvez se rissem ainda por cima!»

— «E se não rissem, e se dissessem: Gomes Lourenço, outra alma houve que penou o mesmo martyrio: que chorou e padeceu contigo; e por mais d'uma vez, no fundo do coração, pedia tambem a Deus: Senhor, quebrae estas prizaes d'ouro, porque ferem como ferro!»

— «Se fosse verdade...»

— «O que fariéis?»

— «Morria d'alegria, como tenho gemido de dôr; se fosse verdade e o ouvisse da vossa boca, se o coração, batendo com o meu, o repetisse; se os olhos, ardendo em fogo, m'o jurassem?!...»

— «Vós o que juraveis?...»

— «De joelhos, com as mãos postas, como estou aos teus pés, dizia-te: Perdi por tua causa o nome de meus avós e a honra da minha espada. O sangue de meu pae fica sendo uma nodoa no meu rosto; o unico irmão que tenho ha de passar por mim como por um estranho, o mundo chamar-me-ha vil, dirá de mim tudo o que envergonha as faces e faz pular o coração de raiva: que importa? abençoada a hora em que fiquei assim, porque tu me amas! Estrella, que nas trevas me das a luz da esperanza, para te seguir morri na flôr da vida; bendita sejas, se me salvares!»

— «E haveis de amar sempre como hoje?»

— «Não se ama mais do que uma vez na vida.»

— «Pois bem, Gomes Lourenço, tambem eu direi agora: Chorei pelo teu amor em silencio, trahindo a paixão d'outro, e tremendo de remorsos e de ciúme; esqueci pae, irmão, e sangue, para poder pensar em ti; abençoado sejas, que enches de um amor immenso o logar que a perda d'elles deixa vazio no coração! Não vês que eu tambem estou sem parentes e sem nome?»

Proferindo estas vozes, D. Maria fascinava-o com a fôrça magnetica, que despediam as pupillas, parecendo revelar o delirio da paixão ardente.

O mancebo ajoelhou. — «Oh, Maria, Maria, porque me não disseste isto senão agora?» exclamou elle.

E julgava-se tão feliz, que desejou morrer de ale-

gria ali junto da primeira e unica esperanza, que lhe deixavam colher ao cabo de tantos annos.

Assim, largo tempo sem fallar, ambos estiveram a vêr-se e a beber nos olhos a doce alegria d'aquelle instante. Elle de joelhos; ella, amorosa, meiga, e sorrindo, como em sonhos Gomes Lourenço a vira estender-lhe os braços, e enxugar-lhe o pranto.

Por fim D. Maria, pousando-lhe a mão no hombro com doçura, disse:

— «Agora, que sois o meu cavalleiro, vou pedir-vos uma cousa. Concedeis-m'a?»

— «O que posso eu negar-te?»

— «Nas horas em que rogava a Deus que nos acabasse o martyrio, fiz voto de te dar o meu juramento em Santa Olaia, sobre o tumulo de minha mãe. Aquella que tantas vezes me aqueceu ao peito, e ainda tão creança me saltou, ha de abençoar do céu o nosso amor, que tão triste nasceu para chegar aqui.»

Uma nuvem passou de repente pelo rosto de Gomes Lourenço.

— «É tão pouco!» respondeu. «E apesar d'isso, não sei porque, custa-me a dizer-te que sim! Temo...»

— «Vêr lá a alma de Inigo Lopes?» acudiu ella rindo.

— «Quem sabe o que verei? Pelo nosso amor, escolhe outro sitio. Não agoures as primeiras horas de felicidade com a sina do castello maldito.»

— «Que visões!»

— «São, bem sei, mas não posso vencer-me. O segundo casamento de meu pae em Santa Olaia é que se fez. Alta noute, no proprio dia do noivado cobriu-se de lucto a armadura de Inigo Lopes. A haste do pendão de Salzedas estalou por si mesma sem gorrer uma aragem de vento. A essa hora sonhava meu pae que o enterravam na capella de cota de malhas, elmo e espada! O sonho cumpriu-se; dous dias depois foi sepultado na capella, como a visão lh'o annunciava!»

— «Mero acaso! Não concedes o meu pedido?»

— «Mandas! Deus seja connosco!»

— «És um bizarro cavalleiro! Quando partimos?»

— «Em tu dizendo.»

— «Logo?»

— «Já, se queres.»

E duas horas depois Gomes Lourenço saía da Honra de Avellans com a senhora de Lanhoso. A dama levando o seu falcão em punho, esbelta e firme no fogoso corsel, que escarvava o chão, e mordida o freio. O mancebo tentando desvanecer os presentimentos, montado na possante mula do corpo (1), sem arnez nem grevas, e só com a espada cingida sobre o saio. Poucos homens d'armas os seguiam. Dentro em pouco os atalaias perderam-nos de vista no meio d'um rolo de poeira.

Pela madrugada, um cavallo a toda a carreira galgou a encosta empinada, e o som da buzina, tirado com força, accordou os echos. O villico (2) chegou ás ameias.

— «D. Gomes Lourenço?» perguntaram de fóra.

— «Partiu hontem ao cair da noute.»

— «Só?»

— «Quem m'o pergunta?»

— «D. Egas, seu irmão. Foi só?»

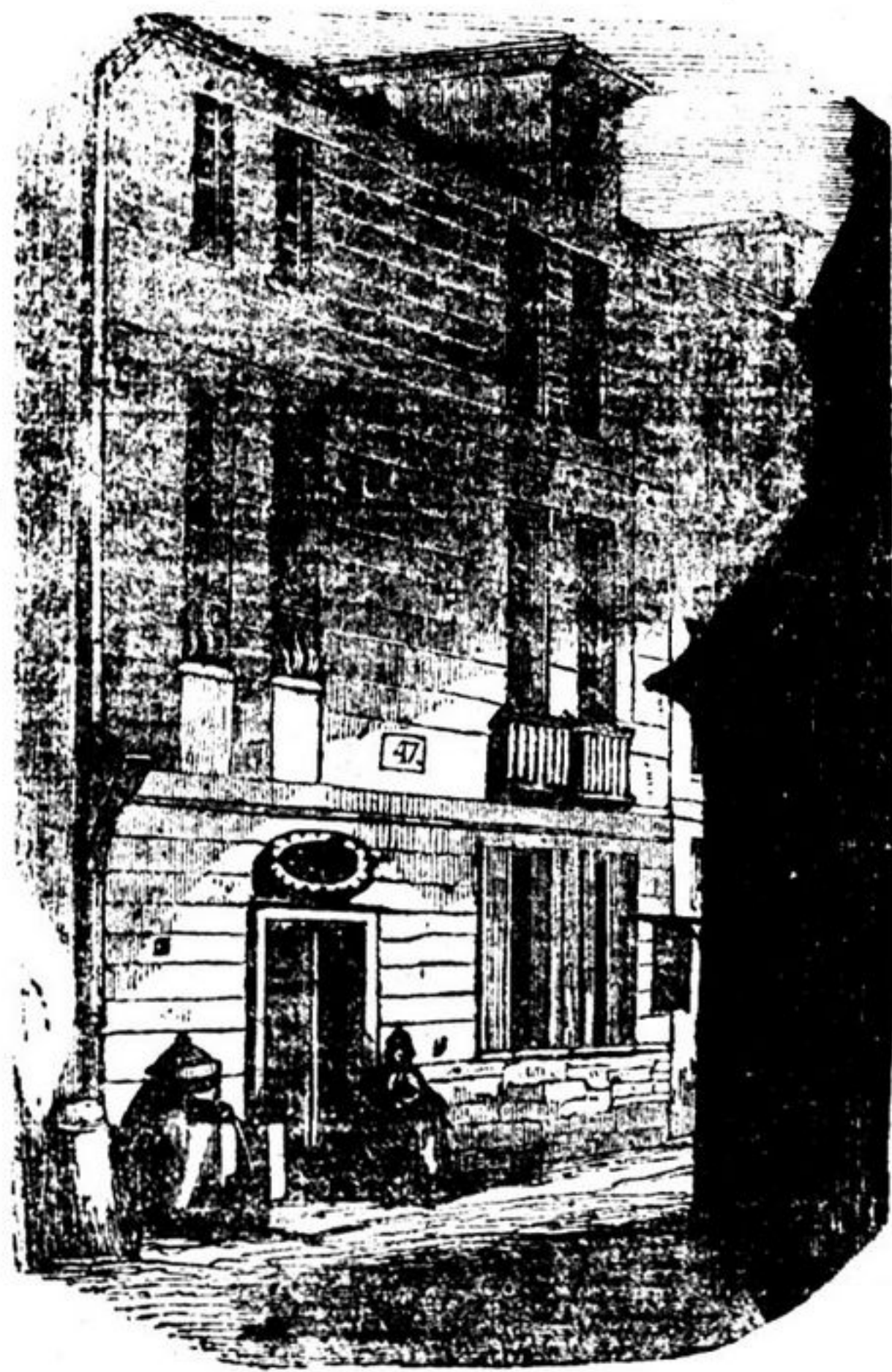
— «Levou D. Maria Paes a Santa Olaia!»

(1) Os cavalleiros usavam de mulas robustas em viagem, levando os cavallos de batalha a mão; por isso se chamavam — mulas do corpo.

(2) Era o guarda e mordomo das casas nobres.

— « Abri. N'esse caso a minha jornada foi de balde. »

Os alcapões ferrados rangeram; desceu a levadiça, e o cavalleiro, ao clarão dos fachos, entron armado de todas as peças pelo portal de volta baixa.



CASA NO HAVRE, ONDE NASCEU BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

ESTUDOS LITTERARIOS.

Bernardin de Saint-Pierre

I.

O SEculo 18.^o estava a findar rodeado de uma brilhante aureola de gloria. Voltaire, que representa privativamente a sua epocha, personificando os seus costumes e tendencias, tinha deixado de existir havia seis annos. João Jacques, e Montesquieu já não viviam, e Buffon estava proximo do sepulchro. A discussão tinha-se tornado a crença da sociedade — para ella não havia nada, que não estivesse sujeito á analyse severa da critica. A philosophia reagindo contra o dogma da tradição levára de vencida os casuistas. Tudo parecia esgotado em materia de religião, de litteratura e de philosophia. A *Encyclopaedia* tornára-se o livro da epocha, o dictionario social, o cathecismo universal.

A idéa de uma transformação social germinava em todas as intelligencias, e repercutira-se no espirito das massas. O desejo de sair de um estado anarchico, e que não podia ser eterno, porque nada ha no mundo com esse character, encarnára-se no coração de todos. O volcão fervia, qualquer movimen-

to bastava para fazer expellir a lava ardente. Esse movimento chegou breve — foi a revolução franceza. O gosto litterario concentrara-se todo nas questões sociaes e religiosas. Os encyclopedistas formulando o problema da geração, que os escutava, e preparando já o futuro da sociedade actual, haviam transferido muita imaginação, que por pouco preparada não podia entender a metaphysica dos philosophos, cujas promposas declamações contra a miseria, não estavam alias em harmonia com o luxo asiatico em que viviam geralmente. Para recompôr aquelle espirito, e não o deixar marchar a passos de gigante para o que não comprehendia senão como uma aspiração, generosa e justa é verdade, mas indefinida e problematica ainda, era necessario, que apparecesse um escriptor, que cheio de fé, e coniado no seu talento, collocando-se acima dos prejuizos do tempo, comprimissee no coração a idéa dominante, e não buscasse inspirações senão na natureza, e no sentimento, essas duas grandes fontes de verdade. Tal foi *Bernardin de Saint-Pierre*. Era preciso ter a consciencia da superioridade para tentar oppôr um dique á torrente, combatendo o espirito de incredulidade com a linguagem do sentimento e do coração, vasada em moldes singelos e perceptíveis. Sem orgulho, mas tambem sem timidez, porque essa vem da dêscrença do proprio merito, tentou continuar a obra espiritualista de Rousseau, e crear um novo genero de poesia.

Como philosopho proclamou logo o culto de Deus á face d'essa sociedade essencialmente sceptica, que duvidava talvez de si mesma. Como escriptor veio revelar a observação da natureza em suas relações com os sentimentos, que ella inspira a todo o homem; veio mostrar que o estudo de uma serve sempre de auxilio ao estudo da outra; ensinou as almas ternas e sensiveis a apreciarem as delicias do espectáculo eloquente e magestoso do universo; traduzia n'uma linguagem pura, limpida e fluente as magias e deliciosas sensações, que apenas vagamente sonhára; iniciou-nos nos mysterios dos sentimentos delicados, que compõem essas sensações; analysou os prazeres, que a alma sente ao observar a criação, quando a sós com Deus e a sua consciencia é obrigada a curvar-se perante a magestade e a soberania do creador. Revelou por uma consequencia immediata a sublimidade e o gosto das bellas artes, que não devém ser senão a expressão mais correcta e simples da natureza. Pozo o dedo, para assim dizer, no coração do homem; contou-lhe as palpações, e em cada sensação estudou a physiologia da sociedade. Não se ligando a nenhuma escola philosophica, a nenhuma seita, como escriptor e moralista, justificou o axioma de Vauvenargues: — *Les grandes pensées viennent du coeur.* Sente primeiro que tudo, pensa, escreve, e a sua dicção variada, pictoresca e flexivel reflecte em todo o esplendor a simplicidade elegante, as harmonias, e as bellezas naturaes, de que é historiador. Antes de ensinar os outros, tem, como Rousseau, vivido e soffrido muito. Tira da propria desventura lições proveitosas para os outros, bem differente n'isto do auctor das *Confissões*, que applicando-as a si mesmo, se torna o proprio preceptor. Finalmente, em quanto João Jacques vingava com os seus eloquentes e vigorosos escriptos um orgulho humilhado, e uma personalidade esquecida, Bernardin apenas se recorda das suas dores para se apiedar das que affectam os outros, levanta um templo á consolação, e sobre o portico gigante e unico gravou estas palavras, que se julgariam inspiradas pelo sentimento christão, se Virgilio tivesse nascido alguns seculos depois: — *Miseris succurrere disco!*

II.

Bernardín de Saint-Pierre nasceu no Havre de Grâce, a 19 de janeiro de 1737, e o livro, admirável monumento da sua gloria, appareceu apenas em 1784. Até á idade de quinze annos a unica obra talvez que lhe serviu de recreio foi o *Robinson Crusóe*, que Rousseau recommenda para divertimento das creanças. Esta leitura fez-lhe gerar no coração um gosto invencível pelas viagens, a ponto que seu pae, suppondo-lhe decidida vocação para a vida do mar, fel-o embarcar a bordo de um navio, de que era capitão um tio seu. O futuro viajante, que devia mais tarde procurar as côres para a sua palheta de artista aos estepes da Finlândia e da Moscovia, ás cerradas florestas de Allemanha, ás ferteis campinas da Siberia, ao estrellado e formoso céu de Malta, á luxuriante vegetação da ilha de França, atravessava o oceano, na idade de doze annos, e a sua vista perspicaz podia abranger o espectaculo grandioso dos montes da Martinica destacando-se ao longe no azulado céu das Antilhas. De volta passou a um seminário de Caen; e enthusiasmando-se pelos martyres do christianismo primitivo, quiz vestir a sutaina de missionario. Seus parentes oppozeram-se á resolução do mancebo, que partiu para Rouen, onde frequentou com a maior distincção as mathematicas; seguindo depois o curso da escola de pontes e calçadas. A escola foi extinta no anno seguinte. O joven estudante sollicitou então um logar no exercito, aonde, por um d'estes acontecimentos que não se explicam, obteve um posto elevado; e Saint-Pierre foi aprender na severidade da lei militar o rigor da existencia, como Descartes, e Vanvenargues. A França pelejava então uma guerra incerta e desastrosa. Nos plainos de Warburg, assignalados por um insignificante triumpho e por um grande desastre, o joven official deu provas d'um valor não vulgar. Mas sobreveiu-lhe logo uma inesperada catastrophe, que costuma sempre ferir os homens de talento, que não sabem ser subservientes; caiu no desagrado dos superiores. O seu character austero não tinha podido ainda comprehender, e menos curvar-se ao despotismo da disciplina. Enviado a Malta, como engenheiro geographo, incorreu ahí em igual desagrado. Cheio de desgosto pediu e obteve a sua demissão.

(Continúa.)

J. C. HARCOURT.

BREVIL E UTIL IDÉA DO COMMERCIO, NAVEGAÇÃO
E CONQUISTA DA ASIA E DA ÁFRICA.

Mihi autem non mirori cura qualis
Respublica sit hodie, quam que
futura sit.

CICERO — DE SENECTUTE.

*Manifesta-se o negocio de Moçambique com a
exacta relação de todos os seus dominios.*

O rio Cuama faz duas bocas, e n'ellas duas barras: a de Luavo e a de Quillimane, aquella no principio frequentavam os portuguezes, mas ao depois a largaram, e ha muitos annos que só entram, e saem pela da Quillimane. N'esta só pôdem entrar baixéis, que carregados na conta não demandem mais fundo que o de vinte palmos para menos: a

entrada e saída pela foz do dito rio é sempre na conjunção de lua, pois não se sabe o banco de areia que fórma a barra o fundo que tem fóra do dito tempo. Esta barra está na altura de 18 gráus, e 10 minutos ao sul de Moçambique.

Na latitude de 20 gráus está Sofala, cuja barra é circumstanciada como a de Quillimane, e só a experiencia mostra poderem ali entrar navios de algum maior lote.

Inhambane está mais ao sul na latitude de 23 gráus; esta barra tem a mesma difficuldade que a do rio Cuama. Para este porto se expedem navios na competente monção, que é nos mezes de outubro e novembro; estação do anno em que os ventos são nordestes; sáe-se d'elle em julho para Moçambique.

Ao norte de Moçambique na latitude de 12 gráus estão as ilhas de Querimba: a estas vão de Moçambique as embarcações miudas, e n'ellas se transportam as fazendas em junho, julho e agosto, por ser tempo em que reinam n'aquella cosja os ventos suduestes. Tornam a Moçambique em outubro e novembro com os nordestes. Além d'isso ha algumas estações do anno em que ha mudança nos ventos, e de que se aproveitam os viajeiros para ir e vir. Os que fazem este commercio são os moradores de Moçambique, e os habitantes d'aquellas ilhas; n'ellas ha poucos portuguezes, porque a maior parte são mulatos.

Mas quem faz o maior peso do negocio ali são os francezas: a sua entrada n'ellas é certa em toda a estação do anno, e com toda a sorte de navios, aproveitam-se da escravatura, a que principalmente se dirige a sua negociação. Aqui não ha alfandega, e sobre tudo não se lhe impede o negociar; como n'esta jurisdicção ha sempre um commandante, com elle se concertam os mesmos francezes, e a negociação corre.

Conserva Sua Magestade este commandante com um subalterno e uma esquadra de dez soldados. As fazendas que vão de negocio, e se introduzem no sertão são: velorio, vinho de cajú, e as roupas seguintes: zuartes de Bengala, ditos de Surrate, ditos do dito crús e curados, assim mais os ditos pretos por se reputarem como zuartes, chaudéres, bassorás, amadabás, ardians, capotis, choabos, toeris do norte, pannos de Porto novo, catavenis, cadiás, palamgpus de Surrate e Balagate, chitas dos ditos portos, de Damão e de Dio; assim mais algumas especies de roupas, espingardas e polvora.

Extrahem-se, marfim, escravatura, ambar, mauna, dente de peixe mulher, couco do mar, chandarras, azeite de gerzelim, tartaruga, e buzio o melhor e em maior quantidade, de sorte que só n'estas ilhas se pôdem tirar sessenta mil alqueires.

Nos tempos antigos foram muito habitadas de pessoas muito poderosas; ainda ha vestigios de edificios grandes e de casas fortes; ali soffriam invasões dos arabios, com quem tinhamos continua guerra.

É este paiz muito salutar, tem o mantimento necessario, só lhe falta trigo por inercia; tem muitos carneiros e cabras, não padece falta de fructas, e é abundantissimo de peixe: de vinte e cinco annos para cá se augmentou consideravelmente esta negociação. Eu a conheci de sorte que os empregos para ella não excediam a quantia de cincoenta mil cruzados. Não se pôde bem dizer a conveniencia d'estes tempos por particulares motivos.

Moçambique, capital d'estes dominios.

É maior e de maior ponderação o negocio do que se pôde imaginar. Dos portos já ditos entram n'elle

os navios todos os annos na fórma referida. Na alfandega fazem seus despachos por uma pauta muito favoravel aos negociantes. Não excedem os direitos quatro e meio por cento; d'estes direitos são os quatro para Sua Magestade, e o meio é applicado para os emolumentos de todos os officiaes d'aquelle tribunal, pois não percebem de seu trabalho mais soldo algum.

D'esta capital se formam as carregações para os portos do sul, que são: Quillimane, Sofala e Inhambane. Os despachos para estas fazendas são de quarenta e um por cento; a metade se deve pagar logo por se considerar da entrada nos ditos portos, e a outra metade no seu regresso. Attendendo a que eram porções consideraveis, e que não teriam os viajeros dinheiro prompto para o primeiro pagamento se lhes admittiu fiador abonado a toda a quantia dos despachos, a qual vêem pagar na dita alfandega na volta aos ditos portos.

Nos tres portos entram com muito pouca differença as mesmas especies de fazenda, e por isso deixando, por não multiplicar entidades, de expôr com miudeza, só darei exacta relação do negocio de Quillimane, que é de Sena, pois como principal, e de maior consideração leva e merece as primeiras attentões.

Adverte-se que estes portos eram vedados, e administrados por uma mesa de negocio da cidade de Gôa, a que se dava o nome de junta geral do commercio de Moçambique; esta junta tinha reservado para si a introdução nos portos de varios generos, e eram estes toda a roupa preta grossa, toda a fazenda branca crúa, toda a fazenda da que era tecida de côres, como o cadiás, e folhina, todo o velorio contado Balagate, e assim mais a polvora. Para a extracção dos mesmos portos tambem para si reservou o marfim. As mais especies era licito e permittido introduzil-as e extrahil-as a toda a qualidade de pessoas, pagando á dita junta não só os direitos, mas tambem os fretes dos navios, pois só os da junta viajavam para aquelles portos.

No decurso do tempo foi abolida a junta, e poucos annos administrada a negociação pelo conselho da fazenda da India, e por consequencia pelo vedor geral da fazenda d'aquelle estado. Ultimamente por uma real resolução foram francos todos os portos d'aquella costa a beneficio dos vassallos, impuzeram se os direitos de quarenta e um por cento, e se continúa d'este modo o negocio.

Feitas as carregações para Sena, e embarcadas, se faz viagem no principio de abril para Quillimane, e porque os ventos são contrarios, algumas vezes é dilatada; o que vale aos viajeros são as correntes que n'aquella costa são certissimas, do norte para o sudoeste; estas facilitam n'aquella estação de tempo a viajar-se para o sul.

Entra-se na barra de Quillimane.

Disto esta villa de Quillimane que já hoje é conhecida com o nome de villa de S. Martinho, duas leguas pelo rio dentro, e quasi no rolo da praia dão fundo os navios. Os interessados descarregam as suas mercadorias em casas alugadas, de que ha muita abundancia. Aqui todas as casas são de madeira; mas esta coberta com camadas de terra amassada; as mesmas casas são cobertas de madeira e palha, que lhe serve de telhados. Preparados n'este logar, fretados coches, isto é, embarcações, que n'aquelle rio navegam, de um pau só, de comprimento de dez braças, e de largura braça e meia, vão pelo rio acima sessenta leguas até á villa capital de Sena, aonde des-

embarcados esperam a vinda de todos os mercadores, que ali se juntam pelo S. João e S. Pedro, vindos das feiras; a estes vendem todas as suas mercadorias por ouro, marfim, e poucos escravos. Recbidas e feitas suas cobranças se recolhem pelo rio abaixo para Quillimane, aonde embarcando-se conseguem o seu regresso, saindo por aquella barra por todo o mez de julho, de sorte que hão de estar em Moçambique no principio de agosto, para, como já disse, viajarem para a India pouco mais ou menos a vinte do dito mez.

Villa de S. Marçal, ou Sena.

A capital dos rios de Sena, que hoje é conhecida por villa de S. Marçal, está distante do mar sessenta leguas; vae-se esta distancia pelo rio acima. Segue o rumo d'esta derrota com pouca differença o de noroeste; está na margem do rio da parte do sul, n'ella têm os moradores as suas casas, onde fazem assistencia no tempo das monções, por causa do negocio, e tambem na occasião das festividades; mas o mais do tempo assistem fóra, nas habitações que têm nas suas terras, vindo a fazer quasi todo o anno uma vida do campo. Na villa as casas são fabricadas de adobes, algumas são cobertas de telha; mas as mais d'ellas de palha, e por isso estão muito sujeitas a incendios.

Tem esta villa pela parte do sul dous montes muito visinhos, e pela parte do norte tem outros muitos. É certo que entre estes e a mesma villa medeia o rio, e em algumas estações do anno são frequentes os vapores grossos, que cobrem aquellas visinhanças. O paiz todo é fertilissimo, e muito abundante de todo o genero de mantimentos, legumes e viveres; ha muita caça, assim grossa, como miuda, terrestre e volátil. Cada um tem e possui prazos, que são de nomeação; ordinariamente se lhes fazem as mercês em tres vidas; foi assim determinado para que sejam n'estas terras instituidos os dotes para as filhas, obrigando-as a que casem com maridos portuguezes, e nascidos em Portugal.

Estes prazos são paizes muito dilatados: ha casas que a sua terra tem cinco e seis dias de extensão de caminho e outras muito mais; estas terras são repartidas em jurisdicções, e termos para se facilitar a administração da equidade e justiça.

De Sena pelo rio acima, e sem differença no rumo de noroeste, e tambem na distancia de sessenta leguas, está a villa de S. Thiago: fica esta na mesma margem do rio da parte do sul, e para ella em embarcações se transportam as fazendas do commercio por ser navegavel tambem o rio. Sempre foi conhecida esta villa com o nome de Tete; ha n'ella muitos moradores; as suas casas são formadas de pedra e terra. Ha aqui muito gado, e de toda a especie.

D'esta villa para cima, na distancia tambem de sessenta leguas, está a villa do Zumbo, que é só habitada de naturaes de Gôa. Este caminho não se pôde fazer todo pelo rio, por não ser navegavel o espaço de vinte leguas; levam-se as fazendas de Tete as costas de pretos até Chicova, e d'ali se transportam embarcadas em canoas, que do Zumbo vêm para esse fim.

Foi a Chicova celebrada nos preteritos tempos, e muito mais pelo descobrimento de uma lage de prata, que n'ella achou haverá pouco mais de quarenta annos um religioso dominico, o padre Serra; ha ainda em Moçambique e Sena quem viu peças de prata que se fizeram da mesma lage; nunca mais se descobriu n'aquelle logar este metal. Pessoa que esteve duas vezes n'esta povoação, inda-

gou com exação, mas não alcançou noticia alguma de que houvesse ali prata. Ouro ha; porém, não quer o regulo senhor d'aquelle continente ali deixar minerar pelo receio, que lhe assiste, de que lhe façam alguma guerra os outros reis, principalmente o imperador Monomotapa, cuja côrte dista meio dia de caminho.

Na villa do Zumbo se expedem carregações de roupas, e velorio para a de Abutua, aonde se cumuta tudo por ouro, que é em muita quantidade. O rei e senhor d'ellas é o Cangamira: este é o terror d'aquelle sertão, e não permite que nos seus domínios penetre christão. Sabe-se que é poderosissimo, e conserva seu respeito na reputação de suas armas, com as quaes se tem feito muito obedecido.

Um dia de caminho antes de chegar á villa do Zumbo está uma serra muito grande, á qual no paiz dão o nome de Mixomga; a ella vão minerar as escravas dos moradores do Zumbo, mas o ouro que tiram, é pouco e de pequeno quilate: aqui tambem ha capitão-mór, e sempre é um morador d'aquella villa.

Ha outras minas que distam d'esta villa do Zumbo pouco mais de um dia de jornada, e ali se chama o Bar da Pamba; n'estas só vão minerar os escravos dos religiosos dominicos, e no anno de 1750 tirou o padre fr. Pedro da Trindade muito e bom ouro; mas sendo eu capitão-mór no anno de 1754 já produziam pouco, mas sempre era na qualidade o melhor.

N'este tempo me lembro da diligencia que se fez por conseguir noticias dos nossos portuguezes da parte de Angola. Nada aproveitou a diligencia, pois parecia facil por estar o Zumbo pelo sertão perto de duzentas legoas.

(Continúa.)

SYSTEMA METRICO DECIMAL.

Taboas de equivalencias.

Medidas portuguezas. Medidas francezas a que ficam reduzidas.

De comprimento.

| | | |
|-----------------------------------|------------------------|--------|
| Braça (2 varas) | = 2, 2 | metros |
| Vara (5 palmos). | = 1, 1 | " |
| Toeza (6 pés). | = 1, 98 | " |
| Passo geometrico (5 pés). | = 0, 1, 65 | " |
| Pé (12 polegadas). | = 0, 33 | " |
| Palmo (8 polegadas). | = 0, 22 | " |
| Polegada (12 linhas). | = 0, 0275 | " |
| Linha (12 pontos). | = 0, 0229166 | " |

As equivalencias da vara e do covado relativamente ao decimetro são as seguintes.

| | |
|---------------------------|-------------------------------|
| 1 Vara = 11, decime- | 1 Covado = 6, 80 decime- |
| " = 3, 300 " | " = 3, 40 " |
| " = 3, 667 " | " = 2, 27 " |
| " = 2, 750 " | " = 1, 70 " |
| " = 1, 833 " | " = 1, 13 " |
| " = 1, 375 " | " = 0, 85 " |

De capacidade.

Medidas de seccos.

| | | |
|------------------------------------|----------------------|--------|
| Moio (15 fangas). | = 828 | litros |
| Fanga (4 alqueires). | = 55, 2 | " |
| Alqueire (2 meios alqueires) = | 13, 8 | " |
| Meio alqueire (2 quartas). | = 6, 9 | " |
| Quarta (2 oitavas). | = 3, 45 | " |
| Oitava (2 maquias). | = 1, 725 | " |
| Maquia (2 selamins). | = 0, 8625 | " |
| Selamim | = 0, 43125 | " |

Medidas de liquidos.

| | | |
|-------------------------------------|------------------------|--------|
| Tonel (2 pipas). | = 847, 5 | litros |
| Pipa (25 almudes). | = 423, 75 | " |
| Almude (2 potes). | = 16, 95 | " |
| Pote (6 canadas). | = 8, 475 | " |
| Canada (2 meias canadas). | = 1, 4125 | " |
| Meia canada (2 quartilhos). | = 0, 70625 | " |
| Quartilho (2 meios quartilhos) = | 0, 353125 | " |
| Meio quartilho. | = 0, 1765625 | " |

De peso.

| | | |
|---------------------------------|------------------------|-------------------|
| Tonelada (13 quintaes e meio) = | 793, 152 | kilo- |
| Quintal (4 arrobas). | = 58, 752 | gr. ^{as} |
| Arroba (32 arrateis). | = 14, 688 | " |
| Arratel (16 onças). | = 0, 459 | " |
| Onça (8 oitavas). | = 0, 02868 | " |
| Oitava (3 escropulos). | = 0, 00358 | " |
| Escropulo (24 grãos). | = 0, 00119 | " |
| Grão. | = 0, 0000498 | " |

De superficie.

| | |
|----------------|----------------------|
| Geira. | = 0, 634645 hectare. |
|----------------|----------------------|

Medidas francezas. Medidas portuguezas a que ficam reduzidas.

| | |
|---|---|
| 1. ^o 1 Metro. | = 0, 90908 vara |
| 2. ^o 1 Litro (com relação ás nossas medidas de secco) | = 0, 072463 alqueire. |
| 3. ^o 1 Litro (com relação ás nossas medidas de liquidos) | = 0, 70796 canada |
| 4. ^o 1 Gramma. | = 0, 002178649 arratel |
| 5. ^o 1 Arc | = { 0, 015756 geira ou 20. 6611 braças quadradas. |

MODO DE CONSERVAR MELÕES POR MUITO TEMPO.

Em uma caixa, ou ainda melhor em uma pipa, estende-se uma camada de folhas seccas, de pecegueiro, ou de amendoeira, ou loureiro cereijo, e acamam-se por cima os melões, de modo que nem toquem uns nos outros, nem nas paredes da caixa ou pipa; encham-se das mesmas folhas todos os intersticios, depois estende-se nova camada de folhas, acamam-se mais melões, e assim por diante, até a caixa estar cheia: tapa-se então de modo que lhe não entre ar algum, e assim se conservam os melões por muito tempo, sem soffrerem a mais leve deterioração.